

## EDUCAÇÃO, CULTURA E SOCIEDADE: DIMENSÕES DO CONTEXTO SOCIO-ANTROPOLÓGICO

LEILA NAVARRO DE SANTANA<sup>1</sup>; ROBERTO CARLOS MELLO DA COSTA<sup>2</sup>

<sup>1</sup>Psicóloga pela Universidade Federal do Espírito Santo, Mestre em Memória Social pela UNIRIO, graduanda em Pedagogia pela UERJ, professora adjunta da Universidade do Grande Rio – UNIGRANRIO.

<sup>2</sup>Pedagogo pela UERJ, pós-graduando em Gestão e Implementação de Educação a Distância pela UFF. Instrutor Técnico do SENAC.

*Ninguém educa ninguém, ninguém educa a si mesmo, os homens se educam entre si, mediatizados pelo mundo.* Paulo Freire

O objetivo do presente texto é motivar a discussão acerca da educação como promotora da transformação social. Para apoiar essa discussão recorreremos a alguns conceitos do educador Paulo Freire<sup>1</sup>. Como ponto de partida convido você a começar refletir sobre o nosso contexto social, de modo geral, se questionando e problematizando sobre os nossos principais problemas e necessidades. Refletiu? ... Como resultado dessa reflexão e problematização posso inferir que você elencou problemas como: falta de saneamento básico, transporte coletivo precário, desemprego, déficit habitacional, má distribuição de renda, precarização dos serviços de saúde prestados pelo Estado, altos índices de violência, consumo de alimentos nocivos à saúde (industrializados, transgênicos ou com agrotóxicos), poluição do ar e das águas, crescente corrupção, aumento dos índices de precificação dos serviços, bens e alimentos, desemprego, educação básica pública (infantil, fundamental e médio) de péssima qualidade, trabalho infantil, mortalidade infantil, epidemias de dengue, mortes por abortos clandestinos, aumento do contágio com diversos vírus como AIDS e hepatite, consumo de drogas e por ai vai! Vivemos envolvidos, confundidos, prejudicados, oprimidos e adoecidos por estes problemas. Mas, conforme o “aviso” acima, este texto pretende discutir. Assim te pergunto: por que nos calamos? Por que absorvemos os problemas sem nos revoltarmos? Por que nos acostumamos com o fato de nos roubarem diariamente? De nos subtraírem o direito e

---

<sup>1</sup> Paulo Freire (1921-1997) foi o mais célebre educador brasileiro, com atuação e reconhecimento internacionais. Conhecido principalmente pelo método de alfabetização de adultos que leva seu nome, ele desenvolveu um pensamento pedagógico assumidamente político. Para Freire, o objetivo maior da educação é conscientizar o aluno. O autor defendia como objetivo da escola ensinar o aluno a “ler o mundo” para poder transformá-lo. Isso significa, em relação às parcelas desfavorecidas da sociedade, levá-las a entender sua situação de oprimidas e agir em favor da própria libertação. O principal livro de Freire se intitula justamente *Pedagogia do Oprimido* e os conceitos nele contidos baseiam boa parte do conjunto de sua obra. (Revista Escola)

o acesso ao conforto, ao lazer, à paz, à confiança nos outros, à esperança no amanhã? Por que? Difícil responder! Mas algumas suspeitas se apresentam. Deixamos-nos oprimir pelo nosso opressor sem saber que o fazemos. Perdemos nossa capacidade de nos unirmos e lutarmos em busca do que necessitamos. Entregamos o poder que temos para um outro fora de nós, de modo que hoje estamos esquecidos do poder que temos. Este estado de incapacidade de se implicar no processo de produção histórico-social denomina-se *alienação*<sup>2</sup>!

Paulo Freire explica:

Até o momento em que os oprimidos não tomem consciência das razões de seu estado de opressão “aceitam” fatalistamente a sua exploração. Mais ainda, provavelmente assumam posições passivas, alheadas, com relação à necessidade de sua própria luta pela conquista da liberdade e de sua afirmação no mundo. Nisto reside sua “convivência” com o regime opressor.” (FREIRE, 1987, p. 51).

Outra suspeita que se apresenta é a perda da nossa capacidade de nos movimentarmos, de sairmos de nossa individualidade *hedonista*<sup>3</sup> em busca de soluções para problemas coletivos. Reitero que nossa incapacidade de nos movimentarmos refere-se somente a um movimento em busca dos direitos coletivos, pois a capacidade de nos movimentarmos é grande! Segundo o correio popular de campinas, o bloco do cordão do bola preta reuniu 2 milhões de pessoas neste carnaval na Avenida Rio Branco, aqui no centro do Rio de Janeiro. Lembrando que as condições são sempre desfavoráveis para participar de eventos como estes. O transporte é escasso e lotado, não há banheiros suficientes e, para beber um refrigerante, tem que ter muita paciência e dinheiro no bolso, pois o valor triplica! Não me parece correto, então afirmarmos que não há capacidade de movimento, no entanto, o movimento que existe é de interesse individual. Todos se dirigem a um mesmo local, mas para satisfazerem uma necessidade particular e de forma instantânea. A necessidade de um consumo imediato está no cerne da força que movimenta estas massas. Comparo este movimento a um saque de um caminhão que tombou. Uma multidão se dirige a um mesmo lugar, com o mesmo interesse de satisfazer

---

<sup>2</sup> Alienação A palavra alienação vem do Latim “*alienus*”, que significa “de fora”, “pertencente a outro”. Em português utilizamos a palavra alheio. Na Sociologia ser alienado é estar alheio aos acontecimentos sociais, ou achar que está fora de sua realidade. É não se reconhecer como agente produtor da História. <http://www.cafecomsociologia.com/2011/03/alienacao.html>. Filosofia. Hegelianismo. Quando a consciência se torna desconhecida a si própria ou a sua própria essência. Psicologia. Estado da pessoa que, tendo sido educada em condições sociais determinadas, se submete cegamente aos valores e instituições dadas, perdendo assim a consciência de seus verdadeiros problemas. <http://www.dicio.com.br/alienacao/>.

<sup>3</sup> Hedonista - Hedonismo consiste em uma doutrina moral em que a busca pelo prazer é o único propósito da vida. A palavra hedonismo vem do grego *hedonikos*, que significa “prazeroso”, já que *hedon* significa prazer. O hedonismo determina que o bem supremo, ou seja, que o fim último da ação, é o prazer.

imediatamente uma necessidade particular de pegar o que quer que seja. Se a capacidade de movimento existe por que não nos movimentamos para exigir que entreguem os produtos aos quais temos direito e pelos quais pagamos? Será que falta conceber estes produtos como bens de consumo? Qualquer um que vai ao supermercado e paga por uma massa de tomates não aceitaria se não lhe entregassem o produto ou se não lhe permitissem levá-lo para a casa. Reclamaria logo com o representante do estabelecimento. Mas por que não nos importamos de pagar por um transporte, educação, saúde, habitação, água, esgoto, estradas dignas e de qualidade, se não nos entregarem!? Será que é por que não sabemos quem é o representante do estabelecimento responsável pela entrega? Se sabemos, então não devemos saber então onde encontrar o representante; se sabemos onde ele fica, então, não sabemos como exigir. Parece que, diante dessa discussão e de tantas perguntas chegamos a certeza de uma resposta: a de que não sabemos sobre algo que deveríamos saber. Não temos conhecimento da lógica do processo que gere nossos direitos, logo, estamos alienados como aponta Paulo Freire:

A questão fundamental, neste caso, está em que, faltando aos homens uma compreensão crítica da totalidade em que estão, captando-a em pedaços nos quais não reconhecem a interação constituinte da mesma totalidade, não podem conhecê-la. E não o podem porque, para conhecê-la, seria necessário partir do ponto inverso. Isto é, lhes seria indispensável ter antes a visão totalizada do contexto para, em seguida, separarem ou isolarem os elementos ou as parcialidades do contexto, através de cuja visão voltariam com mais clareza à totalidade analisada (FREIRE, 1987, p. 96).

Para que se saiba ou se conheça sobre algo é imprescindível intencionalidade ou objetivo de que algo seja conhecido. Compreendemos que este objetivo deve ser cumprido pela Educação. Existem instâncias sociais, denominadas de escola ou de universidade onde pesa sobre elas, entre outras responsabilidades relativas ao conhecimento, a obrigação de cumprir com o objetivo de promover a aprendizagem de certos conteúdos curriculares apontados por diretrizes nacionais. Mas não é apenas na escola que adquirimos o conhecimento, tampouco o conhecimento refere-se apenas a conteúdos curriculares. Aprendemos desde que nascemos, aprendemos a partir do momento em que precisamos responder aos desafios enfrentados no decorrer de nossa vida. Assim, aprendemos o tempo todo e por toda a vida. Aprendemos diversas informações e conteúdos. Aprendemos por maneiras diferentes, observando, vivenciando, imitando, agindo, errando, criando, refletindo, experimentando, ouvindo, falando, trocando experiências com a família ou com os amigos. Aprendemos por meios

diversos como escola, artes (teatro, música, dança, literatura, artes visuais, cinema), programas de televisão, discursos etc.

Diante do exposto fica evidente que aprender se apresenta como uma importante capacidade humana. Em decorrência dessa capacidade nos tornamos o que somos, nos humanizamos, nos socializamos, nos comunicamos, adquirimos e desenvolvemos o repertório de comportamentos e construímos uma base de recursos intelectuais que sustentam e justificam nossas ações e as super(ações) que levam às transform(ações).

Anteriormente lancei a afirmação de que nos mantemos inertes frente a tantos atrevimentos e desrespeitos devido ao estado de alienação em que encontramos. Por não termos o conhecimento de determinados processos que compreendem a organização sistêmica da sociedade e por não termos a consciência do poder de transformação que temos. Pois bem, este estado de alienação é resultado de uma aprendizagem, de um processo educativo executado não somente pelas escolas, mas pela família, pelos programas de televisão, pelos artigos perecíveis da indústria cultural produzidos para um consumo imediato e incessante como as músicas da moda, os programas de *realities show*, os filmes, as novelas, o jornalismo dramático, tudo isso são artigos que expressam uma intencionalidade educativa no sentido restrito do termo. Educar no sentido de moldar comportamentos, de formar opiniões ingênuas e inócuas, manipular, assegurar a manutenção do estado de anestesia e inércia.

Desrespeitando as potencialidades do ser a que condiciona, a invasão cultural é a penetração que fazem os invasores no contexto cultural dos invadidos, impondo a estes sua visão do mundo, enquanto lhes freiam a criatividade, ao inibirem sua expansão. Neste sentido, a invasão cultural, indiscutivelmente alienante, realizada maciamente ou não, é sempre uma violência ao ser da cultura invadida, que perde sua originalidade ou se vê ameaçado de perdê-la.

(...) Por isto é que, na invasão cultural, como de resto em todas as modalidades da ação antidialógica, os invasores são os autores e os atores do processo, seu sujeito; os invadidos, seus objetos. Os invasores modelam; os invadidos são modelados. Pelo menos é esta a expectativa daqueles. Os invasores atuam; os invadidos têm a ilusão de que atuam, na atuação dos invasores (FREIRE, 1987, p. 149).

Tais estados de anestesia e inércia são sustentados por esse processo educativo que ensina pela divulgação de imagens educativas que permitimos que invadam nosso cotidiano e nos imponham o que devemos pensar, escolher e sentir. É a educação do opressor para mantê-lo

no poder. É o processo da educação bancária como afirma Paulo Freire:

Em lugar de comunicar-se, o educador faz “comunicados” e depósitos que os educandos, meras incidências, recebem pacientemente, memorizam e repetem. Eis aí a concepção “bancária” da educação, em que a única margem de ação que se oferece aos educandos é a de receberem os depósitos, guardá-los e arquivá-los. {...} Na visão “bancária” da educação, o “saber” é uma doação dos que se julgam sábios aos que julgam nada saber. Doação que se funda numa das manifestações instrumentais de ideologia da opressão – a absolutização da ignorância, que constitui o que chamamos de alienação da ignorância, segundo a qual esta se encontra sempre no outro.” (FREIRE, 1987, p 58).

As imagens são propositalmente tratadas com o objetivo de modelar o pensamento e educar para a manutenção da opressão. Estas imagens ora tentam transmitir o *blasé*<sup>4</sup>, o entretenimento vazio ora bombardeiam o espectador com tanta barbárie até que o exagero consiga atingir a banalidade, a normalidade, a naturalidade. Afinal quem nunca ouviu as seguintes frases: “a violência esta demais em todo o lugar” ou “todo o político é ladrão” na intenção de dizer que não há o que fazer, não há como fugir ou não como se proteger. E assim vamos sendo educados e aprendendo dia após dia a nos adaptarmos e ao nos adaptarmos nos acostumamos. De modo que nossos graves problemas sociais são absorvidos individualmente. Cada um vai construindo e executando suas estratégias. Se a educação é de má qualidade pagamos escola particular, se não nos é assegurado atendimento na saúde pública pagamos um plano de saúde, se estamos inseguros em sair a noite então paramos de sair, se não resolvem a criminalidade damos um jeito de nos enjaularmos física e tecnologicamente. Provamos a cada dia como é imensa a nossa capacidade de adaptação e como os opressores podem continuar a se aproveitarem disso.

Até quando aguentaremos? Até o momento em que a educação servir ao Estado e ao mercado do consumismo de produtos descartáveis sejam eles um celular ou um programa de TV. Até quando a política servir ao Estado e não ao povo. Até quando a economia servir ao lucro. Até

---

<sup>4</sup> *Blasé* (ou *blasée*, na sua forma feminina) é um adjetivo do idioma francês, que classifica a atitude de uma pessoa *cética*, *apática* ou *indiferente*. Esta palavra é a forma verbal no particípio passado do verbo em francês *blaser*, que indica o ato de tornar insensível ou indiferente. Este verbo deriva do verbo *blasen* do idioma holandês, que significa "encher" ou "soprar". Uma pessoa blasé pode ter esta atitude porque os seus sentidos foram enfraquecidos por excessos. Também é classificada como uma característica de uma pessoa que permanece alheia ou distante de um assunto quando na verdade deveria mostrar atenção. <http://www.significados.com.br/blase/>

quando insistirmos alienados e inconscientes em entregarmos com nossas próprias mãos, e de mãos beijadas, o poder que nelas está.

Através da manipulação, as elites dominadoras vão tentando conformar as massas populares a seus objetivos. E, quanto mais imaturas, politicamente, estejam elas (rurais ou urbanas), tanto mais facilmente se deixam manipular pelas elites dominadoras que não podem querer que se esgote seu poder (FREIRE, 1987, p.144).

Toda a vez que dissemos que não gostamos de política; que tanto faz em quem votamos, pois políticos são todos iguais; quando insistimos em dizer que não adianta fazer nada reforçamos a mensagem de que estamos abrindo mão de nossa participação nas decisões que envolvem nossa vida coletiva e individual. É necessário que tomemos frente da organização social, conforme alerta Paulo Freire: “Para que haja uma transformação faz-se necessário que o indivíduo (oprimido) tenha em mente sua responsabilidade só assim será liberto para criar, construir.” Pag. 175. Enquanto nos mantivermos alheios, de fora, esperando que o opressor nos defenda continuaremos informamos que podem enriquecer as nossas custas, viajar, comprar mansões, carros de luxo, mandar seus filhos para estudar no exterior para ao retornarem na posição de nosso opressor. Informamos que estamos acostumados, que não tem problema, que não reclamaremos, não importunaremos questionando a falta de clareza com que lidam com o nosso dinheiro e patrimônios, não incomodaremos cobrando soluções para tantos problemas sociais, pois eles não nos afetam, ou melhor, não sentimos o quanto nos afetam, demonstramos que aprendemos a dar um jeito aqui e ali. Afinal, fomos e estamos sendo bem educados! Bem educados pela educação do opressor.

Uma educação para a organização social deve partir do seguinte ponto: deixar claro quem são os opressores e os oprimidos. Paulo Freire alertou que sempre será tempo de mudar esta situação se cada indivíduo se libertar. Mas como? Ora, se por meio da educação somos oprimidos será também por meio do processo educativo - compreendendo este como além das escolas – do processo de tomada de consciência que poderemos buscar a superação dos problemas e a transformação da realidade. A educação libertadora promoverá o descortinamento do olhar sobre o mundo, denunciará as relações cruéis existentes entre oprimidos e opressores e evidenciará a ação do *poder simbólico*<sup>5</sup>, aquele que nos oprime sem sabermos que permitimos a sua opressão. A educação libertadora emerge da ação do povo,

---

<sup>5</sup> O *poder simbólico* é esse poder invisível, o qual só pode ser exercido com a cumplicidade daqueles que não querem saber que lhe estão sujeitos ou mesmo o exercem.

pressupõe que todos estão envolvidos no mesmo objetivo. Não é uma educação, uma narração ou um discurso descontextualizado que vem de um outro, mas é uma narração que parte dos que vivem o problema e, por isso, o compreendem melhor que ninguém.

Quem, melhor que os oprimidos, se encontrará preparado para entender o significado terrível de uma sociedade opressora? Quem sentirá, melhor que eles, os efeitos da opressão? Quem, mais que eles, para ir compreendendo a necessidade da libertação? Libertação a que não chegarão pelo acaso, mas pela práxis de sua busca; pelo conhecimento e reconhecimento da necessidade de lutar por ela. Luta que, pela finalidade que lhe derem os oprimidos, será um ato de amor, com o qual se oporão ao desamor contido na violência dos opressores, até mesmo quando esta se revista da falsa generosidade referida (FREIRE, 1987, p 31).

Na educação libertadora o saber partirá da investigação das necessidades de quem vive o problema e que deverá ser ouvido e valorizado no seu saber. A educação libertadora, conforme Paulo Freire, objetiva essa *práxis*<sup>6</sup>, essa prática de problematizar e se ver como problema. Assim os oprimidos vão compreendendo o processo social de forma sistêmica, vão tendo a consciência do seu não saber e buscando saber mais; passando então a agentes de transformação social, cidadãos e autônomos. Por meio desse processo educativo os homens passam a ter a consciência da importância de sua ação no mundo, de sua atuação, de sua decisão. Entendem que é preciso imprimirem no mundo a sua presença por meio da criação e escrita histórica. Todos os homens escrevem a história do mundo e esta precisa ser escrita também pela ótica do povo, pela necessidade do povo e isso também precisa ser ensinado e aprendido, por isso que a educação está implícita na organização social.

Mais uma vez os homens, desafiados pela dramaticidade da hora atual, se propõem a si mesmos como problema. Descobrem que pouco sabem de si mesmos como problema. Descobrem que pouco sabem de si, de seu “posto no cosmos”, e se inquietam por saber mais. Estará, aliás, no reconhecimento do seu pouco saber de si uma das razões desta procura. Ao se instalarem na quase, senão trágica descoberta do seu pouco saber de si, se fazem problemas a eles mesmos. Indagam.

---

<sup>6</sup> **Práxis** é uma palavra com origem no termo em grego *praxis* que significa **conduta** ou **ação**. Corresponde a uma **atividade prática em oposição à teoria**. Este termo é abordado por vários campos de conhecimento, como filosofia e psicologia, que classificam *práxis* como uma atividade voluntária orientada para um determinado fim ou resultado. <http://www.significados.com.br/praxis/>

Respondem, e suas respostas as levam as novas perguntas (FREIRE, 1987, p.29).

#### **REFERÊNCIA**

FREIRE, Paulo. *Pedagogia do Oprimido*. Editora Paz e Terra – 29ª edição – 1987.